

O processo de recontextualização lexical no português brasileiro*

TALITA DE CÁSSIA MARINE

Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina, Brasil

JULIANA BERTUCCI BARBOSA

Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), Uberaba, Brasil

O léxico de todas as línguas vivas é essencialmente móvel: palavras surgem e palavras desaparecem, perdem significações antigas e adquirem novas. Filha do homem, a palavra reflete-lhe o destino: como ele, nasce, vive, transforma-se, adocece, morre e, até, ressuscita (Pereira 1932: 188).

1. PALAVRAS INICIAIS¹

As línguas existem para que possamos nos comunicar uns com os outros. O objeto de nossa comunicação é o mundo, mais precisamente nosso mundo: coisas, pessoas, lugares, idéias etc. e suas relações, sejam essas naturais ou artificiais, concretas ou abstratas, reais ou imaginadas. Neste contexto, a língua é um sistema de classificação, bem como um sistema de comunicação, pois é necessário que, primeiramente, identifiquemos as «coisas» de que queremos falar para depois podermos nos expressar.

Além disso, não podemos desconsiderar o caráter dinâmico e multifacetado da língua, visto que ela está em constante «fazimento», como diria Coseriu (1979) e, portanto, sofre alterações e mudanças de ordem lingüística que podem ocorrer em diversos níveis: fonológico, sintático, semântico, pragmático e, inclusive, lexical.

É nesse último nível lingüístico que iremos focar nosso olhar neste trabalho, acreditando que as diversas e variadas mudanças nas tecnologias, nos costumes e nos relacionamentos de uma dada sociedade, acabam por, inevitavelmente, refletir-se de forma direta no léxico de uma língua viva e, como tal, dinâmica. Houaiss, ao refletir acerca desse caráter mutável do léxico, diz que

* Este trabalho foi realizado quando estávamos em Lisboa cursando nosso estágio PDEE de Doutorado («Doutorado Sanduíche»), o qual foi fomentado pela CAPES.

¹ Gostaríamos de agradecer a nossa amiga e orientadora Prof^a Dr^a. Rosane de Andrade Berlinck, da UNESP, Campus de Araraquara, pelo incentivo e pelas sugestões dedicados a este trabalho.

[...] um dos traços fundamentais do progresso humano é a multiplicação de palavras [...]. Ao dominar a natureza, ao dominar as técnicas, ao dominar os conhecimentos, só se pode fazê-lo e transmiti-lo dando nome às coisas, dando nome às idéias, criando conceitos. Então, um dos traços fundamentais disso é que a memória do homem tem que ser amparada pela criação vocabular contínua (1990: 20).

Seguindo tais idéias, por meio de um estudo descritivo-comparativo, procuraremos analisar as variações e mudanças de sentido sofridas pelo léxico de nossa amostra em dois momentos distintos da língua: 1951 e 1999. Para isso consultamos dois dicionários: *Pequeno dicionário brasileiro de língua portuguesa* (1951) e *Novo Aurélio-Século XXI* (1999).

Um dos motivos que impulsionaram a elaboração desse nosso estudo foi o fato de coadunarmos com considerações mais recentes a respeito do léxico, tal como as de Correia e Lemos (2005: 10), visto que consideram o léxico um «repertório de todas as unidades lexicais» de uma língua. Isso acaba por implicar numa questão essencial aos estudos lexicais: as palavras nascem, seus sentidos sofrem alterações diversas —acréscimos, decréscimos ou até mesmo mudança de sentido—, adormecem, mas dificilmente morrem. A esse respeito, Biderman afirma que

o léxico se expande, se altera e, às vezes, se contrai. As mudanças sociais e culturais acarretam alterações nos usos vocabulares: daí resulta que unidades ou setores completos do Léxico podem ser marginalizados, entrar em desuso e vir a desaparecer. Inversamente, porém, podem ser ressuscitados termos que voltam à circulação, geralmente com novas conotações. Enfim, novos vocábulos, ou novas significações de vocábulos já existentes, surgem para enriquecer o Léxico (1978: 139).

Logo, não podemos afirmar que os arcaísmos desaparecem de uma língua; eles apenas deixam de estar disponíveis, conscientemente, ao falante, mas continuam a fazer parte do sistema lingüístico, sendo, quando necessário, reutilizados e encontrados em dicionários, principalmente, nos históricos.

Por isso, cremos que seja importante destacar que «a mutabilidade lingüística, ao nível do léxico, verificável à medida que signos são criados ou sofrem modificações em seus significados, é um processo inerente à língua e não uma ameaça à sua continuidade» (Barbosa 1998: 33). É justamente por isso que o estudo/pesquisa da inovação lexical é importante, pois proporciona uma visão ampla da evolução, ou seja, das variações e mudanças que ocorrem no léxico,² apontando os meios através dos quais novas necessidades lingüísticas, de caráter expressivo, são supridas pelos falantes.

Cabe observar que na lexicologia clássica, o estudo do léxico tem por objetivo o maior conhecimento possível das características e propriedades de cada palavra, no

² Tal como este é tradicionalmente definido, ou seja, como o conjunto de palavras de uma língua (cf. Borba 2003 e Basílio 2004).

presente e no passado. Porém, é fundamental que levemos em consideração o fato de que o léxico apresenta um alto teor de regularidade e é um componente fundamental da organização lingüística, tanto do ponto de vista semântico e gramatical, quanto do ponto de vista textual e estilístico. Logo, os diferentes processos derivacionais de mudança e extensão de classe seriam funções pré-determinadas, traduzidas em estruturas morfológicas.

Não podemos ignorar também que a ampliação do léxico não se dá apenas pelos mecanismos de (re)estruturação mórfica —derivação e composição—, já que existem outros fenômenos relacionados a tal ampliação, como, por exemplo, processos neológicos —recontextualização de palavras em circulação e incorporação de novos itens ao léxico geral— e empréstimos lingüísticos (cf. Borba 2003). É interessante ressaltarmos que o que Borba (2003) denomina de «recontextualização de palavras é o mesmo que Correia e Lemos (2005) definem como reutilização de palavras já existentes». Segundo as autoras, esse é um dos processos mais produtivos da língua, já que «as palavras que apresentam novos significados tornam-se, deste modo, polissêmicas, constituindo a polissemia um dos factores que mais contribuem para economia dos sistemas lingüísticos» (Correia e Lemos 2005: 47).

Por fim, cabe ressaltar que neste artigo analisaremos apenas os processos de ampliação lexical relacionados à recontextualização e à reutilização de palavras.

2. CORPUS E METODOLOGIA

A fim de procedermos a nossa análise, de caráter descritivo-comparativo, compomos uma amostra de 50 palavras em Português do Brasil, valendo-se do seguinte critério: todos os nomes deveriam ser de animais, predominantemente masculinos, com algumas variações de gênero, sempre que tal variação significasse alguma mudança de sentido da palavra.

Como mencionamos anteriormente, todas essas palavras foram consultadas em dois dicionários: *Pequeno dicionário brasileiro de língua portuguesa* (1951) (doravante *PD*) e *Novo Aurélio-Século XXI* (1999) (doravante *NA*).

A edição do *Pequeno dicionário brasileiro de língua portuguesa* (1951) utilizada para esta pesquisa, consultada na Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, foi revista e ampliada por Aurélio Buarque de Holanda Ferreira e a ortografia presente no dicionário segue as instruções de organização de Vocabulário Ortográfico da Língua Nacional, aprovadas pela Academia Brasileira de Letras em 12 de agosto de 1943.

Já a edição do *Novo Aurélio-Século XXI* (1999), versão eletrônica, em relação a sua edição anterior, foi ampliado em 25%, e possui cerca de 345 mil verbetes, locuções, definições, e abonações literárias. De acordo com os responsáveis por essa nova publicação, a língua é o principal insumo de informação e comunicação, por isso o *Novo Aurélio* tentou trazer novas definições e funções (recursos da informática) que procu-

rassem facilitar a consulta (tais como, pesquisa de categorias gramaticais, pesquisas no âmbito de locuções, etimologias, alguns exemplos e abonações).

De cada uma das palavras encontradas nesses dicionários, selecionamos as definições com sentido conotativo relacionadas com atributos e ações/atitudes humanas, sendo excluídas da nossa análise suas outras definições, assim como suas expressões idiomáticas e os regionalismos.

Observe, por exemplo, seguindo esse critério de seleção adotado, quais as definições das palavras «cobra» e «burro» que analisamos:

	<i>PD</i>	<i>NA</i>
COBRA	(Fig.) Pessoa de má índole	(Fig.) Pessoa de má índole e/ou de mau gênio; (Bras.) (Pop.) Pessoa perita em seu ofício ou em sua arte; cobraão
BURRO	adj. estúpido; asnático; (Bras.) (pop.) grande; extraordinário (geralmente aplicado às coisas).	Indivíduo bronco, curto de inteligência; asno, burrego, estúpido, imbecil, jerico, jegue, jumento, orelhudo.

Tabela I. Exemplos de seleção dos dados

3. A VARIAÇÃO LEXICAL: ANÁLISE DOS DADOS

Depois de selecionarmos as definições conotativas, por meio da descrição e da análise comparativa das definições selecionadas dessas palavras, chegamos inicialmente aos seguintes resultados:

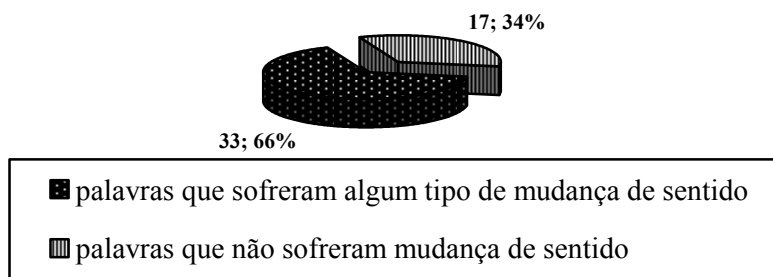


Gráfico I. Primeiros resultados da análise do corpus

Nesse gráfico podemos perceber que, ao compararmos as definições encontradas no *PD* e no *NA*, mais da metade do nosso corpus, 33 ocorrências (66%), sofreu algum tipo de mudança em sua definição conotativa. Isso demonstra a capacidade de transforma-

ção da língua, mais especificamente do léxico, que permite o surgimento ou desaparecimento de unidades ao longo do tempo.

Em seguida, analisamos essas 33 ocorrências, e procuramos subdividi-las em três grupos: (a) *Grupo I*: nomes que não possuíam nenhum sentido conotativo dicionarizado e passaram a ter; (b) *Grupo II*: nomes que possuíam um sentido conotativo dicionarizado e deixaram de ter; e (c) *Grupo III*: nomes que possuíam um (ou mais) sentido conotativo em ambos os dicionários e sofreram acréscimo e/ou decréscimo de definições neste sentido. Após essa análise, obtivemos os seguintes resultados:

	<i>Nº ocorrência (%)</i>
<i>Grupo I</i>	5 (15%)
<i>Grupo II</i>	—
<i>Grupo III</i>	28 (85%)
TOTAL	33 (100%)

Tabela II. Palavras com mudança de sentido

No *Grupo I* encontramos nomes que apenas ampliaram as suas definições, tornando-se mais polissêmicos, pois as palavras que compõem esse grupo não tinham um sentido conotativo, segundo os critérios adotados por nós, e passaram a ter. Esse acréscimo de sentido conotativo ocasionou-se devido às necessidades de comunicação do usuário da língua portuguesa. Nesse grupo, como mostra a *Tabela III*, encontramos os seguintes nomes:

	<i>PD</i>	<i>NA</i>
CANÁRIO	—	Fig. Pessoa que canta bem.
ELEFANTE	—	Bras. Pej. Pessoa muito gorda
GORILA	—	Bras. Pop. Indivíduo abrutalhado na aparência ou no agir; brutamontes.
MOSQUITO	—	Bras. Fam. Pessoa baixa e de feições miúdas.
URUBU	—	Bras. Gír. Agente funerário: "Prometo ... escrever a favor do comércio, da indústria, da agricultura, ... dos relojoeiros, dos salsicheiros, dos serralheiros, dos urubus" (Machado de Assis, <i>Crônicas</i> , I, pp. 235-237); Bras. Pop. Pessoa vestida de preto; Bras. P. ext. Padre ou freira das ordens que vestem hábito preto.

Tabela III. Palavras do Grupo I

Nessas cinco palavras podemos perceber que o processo de inovação lexical se dá por meio de um conhecido recurso lingüístico, a metáfora. Esse mecanismo, além de ser um recurso estilístico e discursivo, é um recurso de ampliação lexical cognitivo, pois permite que o falante conceptualize a realidade de acordo com a sua necessidade.

A metáfora, nesse sentido, seguindo a definição de Correia e Lemos (2005: 48), é um mecanismo semântico através do qual nomeamos «uma entidade A por meio do nome da entidade B», para isso baseamo-nos numa relação de semelhança entre essas entidades A e B, ou seja, tendo por base «características que ambas entidades possuem e que é vista como semelhante (a cor, a função, textura, a relação comportamental que se estabelece com ela, etc)».

No caso das palavras pertencentes ao *Grupo I* acima, temos as seguintes relações metafóricas:

CANÁRIO	→	Ave que canta bem	→	Pessoa que canta bem.
ELEFANTE	→	Mamífero grande e pesado	→	Pessoa muito gorda
GORILA	→	Primata com braços longos, maiores que as pernas, com muita força física	→	Indivíduo abrutalhado na aparência ou no agir; brutamontes.
MOSQUITO	→	Inseto de porte pequeno	→	Pessoa baixa e de feições miúdas.
URUBU	→	Ave negra que se alimenta de carnes em decomposição	→	Agente funerário Pessoa vestida de preto Padre ou freira das ordens que vestem hábito preto

Como já foi ressaltado neste trabalho, são as necessidades expressivas do falante que levam às alterações lexicais, sejam estas quais forem, no entanto, os fatores implicados nessa mutabilidade lexical vão além daqueles cuja influência está explicitamente ligada a questões sócio-históricas. O fenômeno da inovação lexical³ está relacionado a diversos outros fatores cuja mola propulsora continua sendo a sociedade, o contexto social. Dentre tais fatores, podemos destacar o preconceito —em suas quase infinitas faces—, as razões histórico-políticas, as distintas relações afetivas construídas em sociedade, a ironia —manifestada lingüisticamente por meio de metáforas e metonímias—, entre outros.

³ Cabe observar que a inovação lexical não ocorre exclusivamente por meio da criação de novas palavras, visto que palavras que estavam em desuso numa dada época podem ser resgatas pelo falante, mesmo que de modo inconsciente, e lançadas novamente à sociedade com o sentido de outrora ou com um novo sentido.

Abaixo, na *Tabela VI*, apresentaremos algumas palavras que compõem o *Grupo III* com o intuito de ilustrar diferentes fatores relacionados à mutabilidade lexical:⁴

	<i>PD</i>	<i>NA</i>
BALEIA	s. f. Mulher gorda. (Bras.) (pop.) objeto de grandes dimensões.	Bras. Pop. Objeto de grandes dimensões.
GALINHA	(fig.) indivíduo poltrão; mulher que se entrega facilmente; (Bras. Nordeste): indivíduo que não pode estar quieto; pessoa doente, ou acanhada, ou imprestável, ou covarde.	Fig. Pessoa muito volúvel, que se entrega [v. entregar (10)] com facilidade. Fig. Pessoa fraca, covarde ou medrosa. Pessoa que não se contenta em ter apenas um parceiro sexual. Bras. Pej. V. integralista (3).
VEADO	Bras. Chulo pederasta passivo	Bras. Chulo Homossexual

Tabela VI. Exemplos do Grupo III

Como pode ser observado, as palavras acima sofreram algum tipo de mudança de sentido, no entanto, podemos verificar diferentes fatores implicados nessas mudanças. No caso da palavra «baleia», notamos que um dos seus sentidos —«mulher gorda»— marcado por um explícito preconceito em relação à mulher, deixou de ser dicionarizado no NA, em 1999. Esse exemplo é muito interessante porque ilustra de forma bastante clara as pressões e imposições de caráter social impostas à mulher no decorrer do século XX, cujo padrão de beleza está associado à mulher magra. «Baleia», por associação analógica às grandes dimensões do animal, mostra-se dicionarizada na forma de uma metáfora em 1951, referindo-se apenas à mulher gorda, e não a uma pessoa gorda. Já em 1999, o termo deixa de ser dicionarizado, denunciando as diversas mudanças sociais sofridas em nossa sociedade no que diz respeito à mulher, visto que é notório o fato de a mulher ter deixado de ser uma mera peça figurativa na sociedade moderna. A conquista de espaço da mulher no decorrer dos últimos anos, nos mais diversos setores do cenário social, acabou por diminuir, pelo menos de forma tão explícita como ocorria há alguns anos, o preconceito por ela sofrido por parte de uma sociedade até pouco tempo patriarcal e severamente machista. Cabe ressaltar que a não dicionarização do sentido «mulher gorda» em «baleia», não significa que tal sentido caiu em desuso, mas

⁴ Cabe ressaltar que nosso trabalho foca apenas o sentido conotativo das palavras aqui consideradas.

sim, que o preconceito embutido nesta definição já não é mais, teoricamente, aceito e, portanto, não se mostra dicionarizado.

Um sentido semelhante pode ser verificado na palavra «elefante» —*Grupo I*—, já apresentada neste trabalho. Este termo não possuía nenhum sentido conotativo dicionarizado no *PD* e passou a ter no *NA*: «pessoa muito gorda». Todavia, como podemos observar neste exemplo, o atributo «muito gorda» está relacionado à pessoa e não exclusivamente à mulher, tal como no caso da palavra «baleia». Essa generalização no sentido conotativo verificada na palavra «elefante» vem a confirmar as mudanças relativas à mulher ocorridas em nossa sociedade nos últimos anos —já mencionadas anteriormente—, em que, pelo menos do ponto de vista teórico e político, tal preconceito não é mais tolerado. É interessante destacar que no caso da palavra «elefante», o sentido «pessoa muito gorda», embora não armazene em si um preconceito de gênero, carrega em sua definição um outro tipo preconceito: aquele em relação às pessoas consideradas gordas.

Na palavra «galinha», podemos observar várias questões interessantes envolvidas na mudança de sentido sofrida nessa palavra. Neste caso, tal como ocorreu com o termo «baleia», houve uma queda na dicionarização do *PD* para o *NA*, de uma das definições declaradamente preconceituosa: «mulher que se entrega facilmente». Porém, diferentemente do que ocorreu com o termo «baleia», em «galinha» o sentido figurado relacionado à promiscuidade feminina encontrado no *PD* é mantido no *NA*, porém de forma generalizante e, portanto, não mais sectária. De «mulher que se entrega facilmente» no *PD*, passamos a «pessoa muito volúvel, que se entrega com facilidade» e, por extensão desse sentido, provavelmente é que surge a outra definição «pessoa que não se contenta em ter apenas um parceiro sexual», no *NA*.

Um outro aspecto interessante envolvido na mutabilidade de sentido do termo «galinha», diz respeito a uma definição que deixou de ser produtiva apenas em uma região do Brasil, passando a ter repercussão nacional. A definição no *PD* para «galinha», como «indivíduo que não pode estar quieto; pessoa doente, ou acanhada, ou imprestável, ou covarde», corrente no nordeste do Brasil, é parcialmente⁵ preservada no *NA* —«pessoa fraca, covarde ou medrosa»—, porém não mais como um regionalismo, mas sim como uma definição de uso nacional.

Já a incorporação da definição «integralista» ao termo «galinha» no *NA*, entendida de forma pejorativa e com abrangência nacional, tal como está descrito no referido dicionário, está relacionada a questões de ordem histórico-política e, o seu sentido, provavelmente, foi construído a partir de um dos que já se mostrava produtivo no *PD*.

Para compreendermos melhor esse novo sentido atribuído à palavra «galinha», faz-se necessário o estabelecimento de alguns resgates históricos relacionados com o Brasil do século XX, a saber: o Integralismo foi fundado em Outubro de 1932 e se caracteriza por ser uma corrente política conservadora, tradicionalista e nacionalista da Direita. Acreditava que uma sociedade, diferentemente do que propunha o Comunismo, só

⁵ Visto que a definição «indivíduo que não pode estar quieto» não está dicionarizada no *NA*.

poderia funcionar com ordem, ou seja, por meio de uma hierarquia social, com harmonia e união. Era uma corrente política que favorecia, suportava e procurava apoio nas classes elitistas como, por exemplo, na Igreja e na alta burguesia. Inclusive, muitos integralistas acreditavam que a Igreja era a argamassa que mantinha a Nação unida.

Como podemos observar, o Integralismo era um movimento político conservador e, portanto, completamente avesso às novas idéias propostas pelo Comunismo; é justamente desse fato que, provavelmente, surge a definição «integralista» para a palavra «galinha». «Galinha», tanto no *PD* quanto do *NA*, tem como uma das significações «pessoa covarde, medrosa». Assim, partindo desse sentido, o termo «galinha» deve ter surgido para fazer referência aos integralistas de modo pejorativo, porque eles eram considerados covardes pelos comunistas, já que não aceitavam e nem promoviam as «novas idéias».

Por fim, em «veado», podemos perceber que o sentido dado ao termo é mantido no *NA*, porém de uma forma mais ampla, mais generalizada, visto que o seu sentido já não designa apenas a relação homossexual de um homem com um outro mais jovem (pederastia), mas sim, toda e qualquer relação homossexual. Cabe observar que em ambos dicionários, há a descrição de que esse é um uso chulo da palavra «veado», mas mesmo assim, tal definição mostra-se produtiva, uma vez que além de continuar dicionarizada por cerca 50 anos, aparece no *NA* com uma ampliação de seu sentido em relação ao *PD*.

Em outras duas palavras, «leão» e «camelo», do *Grupo III*, também pudemos encontrar definições distintas nos dicionários de 1951 e 1999, as quais estavam relacionadas com o contexto histórico-político do usuário, assim como ocorreu com a última definição da palavra «galinha». Observe a *Tabela V*:

	<i>PD</i>	<i>NA</i>
CAMELO	(Fig.) Homem estúpido; (Bras.) <u>membro do partido conservador, no Império, segundo os republicanos de Piratinim, no RS; partidário do grupo infenso à decretação da maioria de Pedro II.</u> ⁶	Fig. Homem sem inteligência, burro, estúpido, idiota, camelório
LEÃO	Fig. Homem valente; Fig. Celebridade da moda; Fig. Conquistador de mulheres	Fig. Homem valente, corajoso; Fig. Homem de mau gênio, áspero, intratável; Fig. Homem célebre, alvo de todas as atenções: "era sem dúvida um dos príncipes da moda, um dos leões da Rua do Ouvidor" (José de Alencar, <i>A Pata da Gazela</i> , p. 164); Fig. Grande conquistador

⁶ Grifo nosso.

		de mulheres; Bras. Irôn. <u>Órgão arrecadador do imposto de renda.</u> ⁷
--	--	---

Tabela V. Definições analisadas: camelo e leão

Na palavra «camelo», uma de suas definições que aparece no *PD* está inserida em um período histórico específico do Brasil, o período regencial. Nesse período, devido à abdicação de D. Pedro I, em 7 de abril de 1831, o Brasil passava por grandes agitações políticas e sociais. É nesse contexto que se inicia a disputa política entre progressistas (Feijó) e regressistas (Araújo Lima), que resultaria posteriormente no Partido Liberal (a favor da maioria de D. Pedro II) e no Partido Conservador (contra a maioria). Diante dessas crises vividas pelo regime regencial, e visando conter as agitações e o perigo da fragmentação territorial, a antecipação da maioria de D. Pedro de Alcântara começou a ser cogitada. Levada à apreciação da Câmara, a questão foi aprovada em junho de 1840. Assim, com 15 anos incompletos, D. Pedro de Alcântara foi nomeado imperador, com o título de D. Pedro II. Como se pode verificar, o nome «camelo» com sentido *membro do partido conservador* só pode ser entendido dentro desse específico contexto histórico.

Além disso, observamos também que essa definição de «camelo» não consta no *NA*. Acreditamos que isso seja fruto, como vimos anteriormente, das mudanças histórico-políticas que influenciam nas alterações lexicais, ocasionando, algumas vezes, o desuso de certos sentidos de uma palavra. Provavelmente foi isso que ocorreu com essa definição. O *NA*, ao ser elaborado, desconsiderou o uso de «camelo» com esse sentido por não ser mais corrente na língua.

O contrário aconteceu com a palavra «leão», como podemos observar na *Tabela V*, que no *NA* «ganha» mais um sentido conotativo: «*órgão arrecadador do imposto de renda*». Essa nova definição está relacionada com o contexto histórico-econômico atual. O surgimento do Imposto de Renda no mundo não tem um período exato de registro, de toda forma, alguns estudiosos afirmam que em Roma e Atenas já havia o Imposto de Renda. No Brasil, segundo Lenke (1998), no período colonial, já havia um imposto desse gênero, porém, o Imposto Geral sobre a Renda foi instituído no Brasil em 1922, por meio da lei nº 4.625 de 31/12/22 «lei de orçamento», sendo que o lançamento e a arrecadação do novo tributo começaria em 1924. Junto com a implementação desse imposto, surgiu o órgão que seria responsável por essa arrecadação, o «leão». Como os impostos no Brasil sempre foram elevados, o usuário da língua fez associações entre alguns traços semânticos do animal (leão) e o órgão arrecadador do Imposto de Renda. Assim, o fato dessa definição ainda não constar no *PD* e estar dicionarizada no *NA*, mostra-nos que esse sentido, atribuído a palavra «leão», passou a ser utilizado com mais frequência nos últimos anos, manifestando-se até mesmo na língua escrita.

⁷ Idem nota 7.

4. PALAVRAS FINAIS

[...] a linguagem não se dirige somente à razão: ela quer comover, ela quer persuadir, ela quer agradar (Bréal 1992: 185).

Os resultados de nosso estudo vieram confirmar dois princípios praticamente consensuais relacionados à língua: sua realidade é dinâmica e, portanto, heterogênea e multifacetada; e o fenômeno polissêmico é um dos fatores que mais contribuem para economia dos sistemas lingüísticos, já que uma mesma palavra pode «ressurgir» na língua com um novo sentido ou, simplesmente, resgatar um sentido que estava adormecido —em desuso— e que, por algum motivo, é requisitado na língua pelos falantes e passa a ser usada novamente.

Como já afirmava Vendryes, «o vocabulário jamais está pronto, porque depende das circunstâncias» (1943: 256) e, por isso, o homem, ao mesmo tempo que é o grande patrocinador do dinamismo lexical, visto que as «inovações» do léxico só são produzidas a partir das necessidades expressivas do falante, é também seu eterno subjugado, já que é obrigado a aprender —e a apreender— o léxico de sua língua até o final de sua vida.

Assim, concluímos este trabalho em concordância com uma afirmação de Preti: os «vocábulos que surgem e desaparecem, num processo contínuo e natural de neologia e obsolescência, são o reflexo mais perfeito das mudanças sociais» (1998: 119).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, M. A. (1998): «Da neologia à neologia na literatura», en A. M. P. P. Oliveira e A. N. Isquierdo, orgs., *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*, Campo Grande, UFMS, pp. 25-51.
- BARROSO, G.; LIMA, H. (1951⁹): *Pequeno dicionário brasileiro de língua portuguesa*, ed. revista por A. B. H. Ferreira, São Paulo, Editora Civilização Brasileira.
- BASILIO, M. (2004): *Formação e classes de palavras no português do Brasil*, São Paulo, Contexto.
- BIDERMAN, M. T. C. (1978): *Teoria lingüística: lingüística quantitativa e computacional*, Rio de Janeiro, LTC.

- BORBA, F. S. (2003): *Organização de dicionários: uma introdução à lexicografia*, São Paulo, Editora UNESP.
- BRÉAL, M. (1992): «O que chamamos pureza da língua?», en *Ensaio de semântica*, coord. e rev. técnica da trad. Eduardo Guimarães, São Paulo, EDUC / Pontes, pp. 171-180.
- CORREIA, M., L. S. P. LEMOS (2005): *Inovação lexical em português*, Lisboa, Colibri.
- COSERIU, E. (1979): *Sincronia, diacronia e história*, Rio de Janeiro, Universidade de São Paulo.
- FERREIRA, A. B. H. (1999): *Novo Aurélio-Século XXI*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- HOUAISS, A. (1990): «Línguas e a língua portuguesa», en Francisco de Assis Barbosa, dir. e coord. edit., *Revista do Brasil*, Rio de Janeiro, Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro-Rio Arte / Fundação Rio, 12, 14-41, 12.
- (1983): *A crise de nossa língua de cultura*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro.
- LENKE, G. (1998): *Imposto de Renda*, São Paulo, Editora Dialética.
- PEREIRA, E. C (1932⁷): *Gramática histórica*, São Paulo, Nacional.
- PRETI, D. (1998): «A gíria na sociedade contemporânea», en André Crim Valente, org., *Língua, lingüística e literatura*, Rio de Janeiro, UERJ, pp. 119-128.
- VENDRYES, J. (1943): *El lenguaje: introducción lingüística a la historia*, trad. Manuel de Montoliu e José M. Casas, Barcelona, Cervantes.